



GUERRA

Rússia e Ucrânia trocam ataques com drones

Bombardeios russos deixaram seis mortos — entre eles, duas crianças — e milhares de pessoas sem energia elétrica. Em resposta, Kiev lançou uma operação contra instalações petrolíferas da Rússia no Mar Negro

Ucranianos viveram momentos de terror na madrugada de ontem. Novos bombardeios russos deixaram seis mortos — entre eles duas crianças — e dezenas de milhares de pessoas sem energia elétrica em várias regiões do país. Os ataques envolveram o uso maciço de drones e mísseis balísticos, de acordo com autoridades locais. Em resposta, Kiev lançou uma operação de retaliação contra instalações petrolíferas da Rússia no Mar Negro, intensificando, mais uma vez, a escalada do conflito que se arrasta há quase quatro anos.

O Exército Ucraniano informou que a Rússia disparou 79 drones e dois mísseis balísticos contra cinco regiões do país. As forças de defesa conseguiram interceptar e destruir 67 das pequenas aeronaves, evitando danos ainda maiores. “As forças russas atacaram as regiões de Dnipro (leste) e Odessa (sul). Seis pessoas morreram, incluindo duas crianças”, relatou a Procuradoria-Geral da Ucrânia, em comunicado publicado no Telegram.

Segundo o comissário de direitos humanos da Ucrânia, Dmytro Lubinets, as vítimas mais novas tinham 11 e 14 anos. “É necessário aumentar a pressão sobre a Federação Russa para que os ocupantes sintam as dolorosas consequências de cada vida perdida”, escreveu Lubinets no X.

Na região de Zaporizhzhia, outro ataque russo atingiu a rede elétrica e deixou cerca de 58 mil residências sem energia, conforme informou o governador local, Ivan Fedorov. O impacto foi sentido em plena onda de frio, agravando as dificuldades enfrentadas pela população civil com a chegada do inverno europeu.

Desde o início da guerra, em fevereiro de 2022, Moscou tem intensificado seus ataques contra a infraestrutura energética ucraniana durante os meses mais frios, estratégia que, segundo analistas, busca minar a resistência da população e enfraquecer o moral do país. Kiev acusa o Kremlin de tentar “transformar o frio em arma de guerra”, enquanto o governo russo nega que os ataques tenham civis como alvos.

Uma análise da agência AFP, com base em dados oficiais ucranianos, revelou que a Rússia lançou mais mísseis em outubro do que em qualquer outro mês desde o início de 2023. Foram 270 mísseis disparados, um aumento de 46% em relação a setembro, a maioria deles direcionados a instalações elétricas e centros logísticos.

AFP



Em cartaz fixado em um ponto de ônibus em Kiev, a 82ª Brigada de Assalto Independente da Ucrânia tenta recrutar mais combatentes para a guerra

Contra-ataque

Horas depois da ofensiva russa, a Ucrânia lançou drones navais e aéreos contra o porto de Tuapse, na costa russa do Mar Negro. Segundo fontes locais, o ataque danificou duas embarcações e parte da infraestrutura de um terminal petrolífero.

O Ministério da Defesa da Rússia afirmou ter abatido 164 drones ucranianos em diferentes regiões do país durante a noite, incluindo em áreas próximas à Crimeia e à região de Krasnodar. Apesar disso, vídeos compartilhados por moradores nas redes sociais mostraram colunas de fumaça e incêndios na área industrial de Tuapse, onde opera uma das principais refinarias russas do sul do país.

De acordo com a Reuters, o centro de operações de emergência da região de Krasnodar anunciou que, “como resultado do ataque com drones ao porto de Tuapse na noite de 2 de novembro, dois navios civis estrangeiros foram danificados”. O órgão acrescentou que não houve vítimas entre as tripulações e que o fogo foi contido, embora “edifícios e parte da infraestrutura do terminal” tenham sofrido danos.

Danos à refinaria

Em comunicado, o Estado-Maior das Forças Armadas da Ucrânia confirmou que as forças de Kiev atingiram a infraestrutura da refinaria de petróleo de Tuapse, controlada pela gigante estatal Ros-

neft, a maior empresa petrolífera da Rússia. Um oficial do Serviço de Segurança Interna da Ucrânia (SBU) informou que foram realizados cinco ataques com drones, que danificaram um navio-tanque, estruturas de carregamento e edifícios portuários próximos.

A planta de Tuapse, voltada para exportação, tem capacidade de processamento de cerca de 240 mil barris de petróleo por dia e produz nafta, óleo combustível, gásóleo de vácuo e diesel com alto teor de enxofre. Entre os principais destinos de exportação estão China, Malásia, Singapura e Turquia. O ataque também provocou o fechamento temporário de dezenas de aeroportos do país, principalmente no sul e oeste, por motivos de segurança, informou a agência de aviação

civil Rosaviatsiya, em comunicado publicado no Telegram.

Guerra energética

Há meses, a Ucrânia vem intensificando as investidas contra refinarias, oleodutos e depósitos de combustível russos, buscando atingir a base econômica que sustenta a ofensiva militar de Moscou. Kiev alega que suas ações são uma retaliação direta aos bombardeios russos contra a rede elétrica ucraniana, que têm deixado milhões sem aquecimento durante o inverno. Moscou, por sua vez, insiste que as infraestruturas de energia do inimigo são “alvos legítimos”, sob o argumento de que apoiam o esforço de guerra de Kiev.

ISRAEL

Corpos devolvidos e tensão no Líbano

O Hamas devolveu a Israel, por meio da Cruz Vermelha, os restos mortais de mais três reféns sequestrados pelo grupo islâmico palestino em 7 de outubro de 2023. O anúncio foi feito ontem pelo gabinete do primeiro-ministro Benjamin Netanyahu. Os caixões dos reféns, já em poder do exército israelense e do Shin Bet, serviço de inteligência doméstica, “serão transferidos para Israel, onde serão recebidos em uma cerimônia militar”, informou o anúncio.

Segundo o gabinete, os restos mortais serão analisados no Instituto Nacional de Medicina Legal para serem identificados. Anteriormente, o Exército israelense havia informado, por meio de nota, que os corpos haviam sido entregues à Cruz Vermelha.

Horas antes, o braço armado do Hamas, Brigadas Ezzedin al Qassam, havia anunciado a entrega de “corpos de três

soldados israelenses capturados”, encontrados neste domingo “no caminho de um dos túneis do sul da Faixa de Gaza”. Desde o início da trégua, o grupo militar islâmico devolveu os restos mortais de 17 dos 28 reféns falecidos.

O grupo explicou que localizar os cadáveres tem sido uma tarefa “complexa e difícil” em um território devastado, limitado a ruínas. Os sucessivos atrasos na entrega dos corpos causam desconfiança no Executivo israelense e colocam em risco o frágil cessar-fogo mediado por Donald Trump, visto que, em menos de um mês, Netanyahu já promoveu três bombardeios em Gaza.

Ameaças

Ainda ontem, Israel ameaçou intensificar os ataques no Líbano contra o Hezbollah, acusando o grupo extremista de

AFP



Em novo protesto, famílias exigem devolução dos corpos dos reféns sequestrados

tentar se reerguer. Além disso, insistiu que Beirute honre seus compromissos de desarmar o grupo.

Apesar do acordo de cessar-fogo de novembro de 2024 com o movimento pró-Irã, Israel continua atacando regularmente os redutos do Hezbollah no Líbano e, no

sábado, matou quatro pessoas que falaram como membros de uma força de elite do grupo. “O compromisso do governo vizinho de desarmar o Hezbollah e expulsá-lo do sul do país deve ser totalmente honrado”, declarou o ministro da Defesa israelense, Israel Katz, acrescentando que o grupo

está “brincando com fogo” e que “o presidente libanês está protelando o processo”.

Numa reunião semanal de gabinete, o primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, afirmou que o Hezbollah estava tentando se rearmar.” Esperamos que o governo libanês cumpra a sua promessa de desarmar o Hezbollah, mas é claro que exerceremos o nosso direito à autodefesa, conforme acordo nos termos do cessar-fogo”, acrescentou.

Milhares de israelenses que vivem perto da fronteira norte foram obrigados a evacuar suas casas por meses depois que o Hezbollah abriu uma frente contra Israel. Após dois meses de guerra aberta, o Hezbollah ficou severamente enfraquecido e chegou a perder seu líder histórico, Hassan Nasrallah, morto em um ataque aéreo israelense em Beirute em setembro de 2024.

Desde então, os Estados Unidos aumentaram a pressão sobre as autoridades libanesas para desarmar o grupo, um plano ao qual o Hezbollah e seus aliados se opõem, citando, entre outros motivos, uma presença israelense contínua no sul do Líbano. A intensificação dos ataques de Netanyahu levou o presidente libanês, Josef Aoun, a ordenar que o exército enfrentasse as incursões.